

Informe sobre um Cartel em Andamento... Encore

Maria da Penha Simões¹

Tive todo o cuidado em não ridicularizar as paixões humanas, nem lamentá-las ou detestá-las, mas sim compreendê-las.

Estranho, talvez, para os menos afeitos às peculiaridades do estilo lacaniano, o título do Seminário 20, Encore. Foi o pensamento que nos ocorreu ao iniciarmos estas linhas sobre o cartel do qual, no momento, participamos, cujos estudos se centram em torno do referido Seminário. Estranho não para os que conhecem o gosto de Lacan pelo uso insólito das palavras, pelos jogos de linguagem, as antífrases, os neologismos etc., que com tanta originalidade e adequação sabia criar. A nosso ver, recursos de que se valia para transmitir a "substância de seu pensamento" na extensão e profundidade que este alcançava, bem além, convenhamos, das possibilidades da língua em seu emprego convencional.

Mas por que Encore, como título, poderia causar estranheza a eventuais – e supostos- leitores ou ouvintes do Seminário em causa, ainda que lhes faltasse familiaridade com o "uso inovador, imprevisto... das possibilidades do código da língua?"¹ Aqui só nos cabe conjecturar, pois de uma conjectura se trata. Na situação de ter que "decodificar uma mensagem da qual se desconhece o código"...² o jeito, ensina um poeta ilustre, "é deduzir esse código não de conhecimentos prévios à mensagem, mas do contexto dela própria".³ A nosso juízo, recomendação útil para quem estuda Lacan, inclusive para os que já deslindam seus textos com certa desenvoltura. No caso de uma possível estranheza face ao título do Seminário 20, é de se pensar que os hipotéticos sujeitos ali só enxergassem um advérbio isolado, fora de sua específica função gramatical, a designar o conjunto das treze lições

proferidas por Lacan entre Novembro de 1972 a Maio de 1973, do que resultou uma obra densa, complexa, de alto valor teórico, encimada por esse Encore aparentemente em posição excêntrica.

Ao emprego de um advérbio para dar nome, nomear algo, nenhum reparo a ser feito. As palavras – quem não sabe? – não se deixam aprisionar, inertes, inermes, pelas classificações que lhes impõe a gramática. Dinâmicas – digamos assim – elas se movimentam, deslizam, transpõem as fronteiras normativas da língua e em contextos diversos assumem novas funções, adquirem sentidos outros que os arrolados no léxico. Disto se prevalecem os poetas. Mas não só eles. Autores há de valor excepcional que mesmo escrevendo em prosa se desviam das regras da correção gramatical "para prepararem a língua de que necessitam com suas próprias mãos".⁴ Entre eles, Lacan.

Assim, estamos certos de que o título do Seminário 20 não foi escolhido por acaso e muito menos por capricho estilístico. A que então ele remete para além de seus significados lexicais? A resposta surgirá da própria sonoridade fonética do termo numa correlação de som e sentido. Encore, em francês, é palavra homófona a *en-corps*, no nosso idioma em-corpo. O corpo humano, obviamente. E se logo na primeira lição, Lacan anuncia que "no fundo de todos os direitos, há aquilo de que vou falar, ou seja, o gozo..."⁵, fácil depreender que corpo e gozo terão enfoque especial no decorrer do Seminário. Dupla – corpo e gozo –

¹ Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana.

de intrincadíssima complexidade, que pouco adiante será transformada num trio, pois Lacan lhe vai acrescentar um novo elemento, o amor. Corpo, gozo, amor, tríade poderosa a envolver nos fios de sua trama inexorável a sexualidade do ser falante, esta sempre tensionada entre a força agregadora de Eros visando fazer Um de dois seres sexuados e a impossibilidade de tal fusão, posto que tais serem sexuados são, basicamente, seres falantes, portanto sujeitos divididos, submetidos à lei primordial, à incidência da castração e cujo gozo – conforme ensina Lacan – "... enquanto sexual é fálico e isto quer dizer que ele não se refere ao Outro como tal".⁶

Assimétricos, homem e mulher, no que tange a seu posicionamento em relação ao falo e daí que sejam diferentes as modalidades do gozo feminino e masculino. O dele – que comporta o seu próprio limite – inteiramente dentro do registro fálico. Já o dela, um gozo dual, apresentando um lado fálico e outro além falo, gozo dito suplementar, que escapa à dimensão simbólica. Por meio das fórmulas de sexuação – inseridas no Seminário 20 – Lacan faz uma demonstração lógica das diferenças que caracterizam o gozo masculino e o feminino.

Quanto ao enlace sexual dos corpos – que, no entanto, inclui a dimensão subjetiva – diz um estudioso de Lacan que no mesmo" há, para cada um dos parceiros... um gozo que está suspenso ao do outro, mas os gozos não se entrecruzam. Nenhuma relação, nenhuma medida comum podem inscrever-se entre o gozo masculino e o gozo feminino. Daí o aforismo lacaniano: "Não há relação sexual".⁷ Sim, sem dúvida, por essa razão. Mas quer nos parecer que um outro motivo também contribua para que homem e mulher, sexualmente, "não constituam o par, mas o ímpar".⁸ Qual seria? Reportamo-nos ao Seminário 20, ao trecho em que Lacan ensina o seguinte: "A impotência do amor, embora ele seja recíproco, está ligada a essa ignorância de ser o desejo de ser Um. Isso nos leva à impossibilidade de estabelecer a relação deles/dois. Deles quem? Dos dois sexos".⁹ Se bem entendemos, aqui se projeta a sombra de Eros, alado e revestido de brilho com seu arco e suas flechas, impotente porque a ignorância do desejo de ser Um – por parte dos enamorados, supomos – impede sua ação agregadora. Que o amor seja sempre recíproco, como afirma Lacan, nos surpreendeu numa primeira leitura. Qual dentre nós não testemunhou a decepção, a mágoa de alguém não correspondido em seus sentimentos amorosos? Depois de um certo tempo, conseguimos compreender que Lacan se referia à dimensão narcísica do amor. Quem ama busca – e espera – ser amado, espécie de jogo de reflexos mútuos que nem sempre reluz de ambos os lados ou então se apaga unilateralmente, mal começa a lucilar.

Embora Lacan não os mencione, o Seminário 20 nos levou a pensar nos pares amorosos de que nos dão conta lendas antigas, a ficção literária, a poesia e até mesmo registros históricos. Amores tão intensos que chegam a parecer uma patologia a dois. O que acontece? O casal morre. Se não morrem ambos, fatalmente um sucumbirá em razão dos efeitos – e das conseqüências – do desmedido afeto que os domina. Por que áreas mortíferas transitaram?

Formado há um ano, inicialmente com quatro participantes e o Mais Um, agora contando com um novo integrante acolhido recentemente, nosso cartel vem abrindo caminho em meio às dificuldades do Seminário 20, rico não apenas no que diz respeito à sua rigorosa formalização teórica, mas também no que concerne aos fundamentos com que Lacan alicerça seus conceitos, assim compondo um amplo leque de referências, alusões, menções, etc., extraídas de diversos campos do saber. Nem todos – ou quase nenhum – de nossa intimidade. Esforçadamente, avançamos por terrenos habitados pela lógica de Frege,

pela filosofia aristotélica, pelo gozo e o amor em breves apresentações iniciais e vamos indo, de antemão sabendo que adiante nos esperam operações topológicas, a arte barroca, o misticismo dos santos em seus êxtases, exposições sobre a lingüística, fórmulas matemáticas etc., etc. Nosso passo tem sido lento e não raro retornamos a trechos já percorridos a fim de revermos seu conteúdo. O trabalho decorre num ambiente cordial, leve, sem mestres nem mestrias, os participantes à vontade para emitirem opiniões, levantarem dúvidas, tecerem comentários. E pressa não temos. Seguimos devagar.

Em que pesem seus obstáculos teóricos, o Seminário 20 é, ao mesmo tempo, um desafio e um estímulo para vencê-los. Mesmo que seja um tanto penoso ver as cintilantes lantejoulas do imaginário despegarem-se uma a uma – ah! as nossas ilusões – do tema corpo, gozo e amor. Ao que tudo indica, nosso cartel tem muito a estudar e a aprender... encore.

Referências Bibliográficas

1. Campos, Haroldo de. A arte no horizonte do provável e outros ensaios. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977, p. 145.
2. Campos, Haroldo de. Op.cit., p. 141.
3. Campos, Haroldo de. Ibidem.
4. Giani, Romualdo. Apud Haroldo de Campos, op.cit., p. 188.
5. Lacan, Jacques. Encore (1972-1973). Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana (edição não comercial destinada exclusivamente a seus membros), 2010, p. 13.
6. Lacan, Jacques, Op.cit., p. 21.
7. Valas, Patslck. As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001, p. 88.
8. Julien, Philippe. O estranho gozo do próximo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p. 153.
9. Lacan, Jacques, Op. Cit., p. 18.